

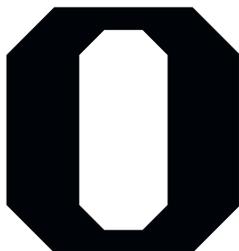
O

Doença Bibliográfica

João Dionísio

PESSOANA • ENSAIOS

N I M P R E N S A
N A C I O N A L



Doença Bibliográfica
Espólio e Edição
de Fernando Pessoa *et al.*

EDIÇÕES PUBLICADAS

- Poemas de Ricardo Reis

ENSAIOS PUBLICADOS

- Uma Admiração Pastoril pelo Diabo (Pessoa e Pascoaes)
- Planeamento Editorial de Fernando Pessoa
- Do Caos Redivivo
Ensaio de Crítica Textual sobre Fernando Pessoa
- Os Anos da Vida de Ricardo Reis (1887-1936)
- O Espólio Pessoa
Para uma História das Edições e dos Critérios Adotados
- Doença Bibliográfica
Espólio e Edição de Fernando Pessoa *et al.*

Doença Bibliográfica
Espólio e Edição
de Fernando Pessoa *et al.*

João Dionísio

PESSOANA • ENSAIOS

LISBOA 2021

N I M P R E N S A
N A C I O N A L

APRESENTAÇÃO

Com um intervalo de aproximadamente três anos, Fernando Pessoa escreve a João Gaspar Simões (a 18 de novembro de 1930) e a Adolfo Casais Monteiro (a 26 de dezembro de 1933), fazendo acompanhar ambas as cartas por exemplares dos opúsculos poéticos em inglês que tinha publicado. Além de *35 Sonnets*, de 1918, Pessoa inclui o voluminho intitulado *English Poems I-II*, de 1921, que contém o poema «Antinous». Como publicara em 1918 uma primeira versão deste mesmo poema, Pessoa achou conveniente explicar aos seus correspondentes por que não lhes enviava essa outra publicação. Assim encontramos esta referência na carta a Gaspar Simões:

não lhe envio a primeira edição do «Antinous» (1918, folheto igual aos «35 Sonnets») porque esse poema foi reconstruído e aperfeiçoado, dando aquelle que abre os «English Poems» posteriormente publicados. Se, porém, tem qualquer interesse, de ordem bibliophilica, em ter tambem esse proto-Antinous, tenho exemplares, e posso enviar-lhe um. [Pessoa, 1998, ed. Martines: 137]

Na carta a Adolfo Casais Monteiro regressa a ressalva:

Presumo que, nesta materia, o seu interesse é poetico, ou critico, e não bibliographico. Se entra nelle algum elemento d'esta ultima doença, ainda lhe posso enviar um primitivo «Antinous», igual em formato aos «35 Sonnets», que foi porém substituido, para todos os effeitos poeticos, pela nova redacção que forma o poema «I» dos «English Poems». Diga-me se quere esse outro folheto; talvez, até, lhe interesse comparar uma versão com a outra, para ver a technica psychica a que as alterações obedeceram. [Pessoa, 1998, ed. Martines: 243]

Pessoa constrói nas duas cartas uma fronteira entre o salubre território poético, no âmbito do qual expressa a sua preferência pela soberania autoral das últimas versões publicadas, e a área doentia da bibliografia. A bibliografia (ou bibliofilia) seria uma doença de que eventualmente padeceriam os seus correspondentes, por ventura interessados em aspetos materiais (não propriamente poéticos) das publicações. Embora pouco para aí virado, Pessoa descreve de forma sumaríssima, mas que crê talvez suficiente para os seus destinatários, o formato do *Antinous* de 1918, dado como igual ao de *35 Sonnets*, de que envia exemplar. Como se insinuasse: se estão interessados no texto, ele está ultrapassado; se estão interessados no suporte, é coisa que já têm, mas com outro texto. No caso de Adolfo Casais Monteiro, porém, há uma diferença no modo como se refere ao uso a que se poderia prestar o envio da versão anterior de *Antinous*: «talvez, até, lhe interesse comparar uma versão com a outra, para ver a *technica psychica* a que as alterações obedeceram». Comparar com vista à determinação da técnica psíquica que norteia a introdução de alterações, constituindo uma definição aceitável do que se pratica no domínio da crítica genética, é uma descrição possível de parte do que procuro fazer a seguir. A outra parte, com ela ligada, diz respeito aos mecanismos subjacentes a fazer superiorizar uma versão de um texto sobre outra para fins editoriais (e, noutro plano, de apreciar mais uma edição do que outra).

As duas partes não se sucedem, antes se misturam ao longo deste livro, que está dividido em quatro secções. Na primeira encontram-se os dois capítulos que geram os seguintes: um sobre o espólio de Fernando Pessoa e outro sobre uma aproximação ao conceito de obra do qual podem ser retiradas consequências práticas quanto a modos de editar textos modernos.

Porque o primeiro capítulo trata globalmente das questões que podem ser colocadas pelo espólio de um escritor moderno, não está aí presente nenhuma indicação prática muito precisa acerca do estudo de materiais de arquivos literários. Já o segundo capítulo apresenta uma proposta de procedimentos editoriais que poderá ter um ar algo conservador, no que evoca de posições mais em voga nos anos 70 do século passado. Como diz Paul Eggert, foi neste período que os estudos textuais anglo-americanos advogaram (por intermédio de James Thorpe nos EUA e de Philip Gaskell em Inglaterra) que uma obra literária só ganhava forma

perfeita com a publicação [Eggert, 2009: 174]. E em *De l'invention du quotidien*, publicado em 1980, Michel de Certeau defendeu que a condição de autor depende da publicação e não de textos que permanecem em estado de manuscrito inédito [cf. Moreira, 2011: 162]. Sobre este ponto importa fazer algumas observações. À semelhança do que sucede em qualquer outro campo do saber, pode fazer-se a história da crítica textual aplicada a textos modernos, identificando dominantes doutrinárias e pragmáticas em certos períodos e em certas zonas geográficas. No entanto, num sentido importante, e talvez diferentemente do que se possa pensar, não vejo evolução em determinadas posições editoriais da crítica textual, e portanto não cabe falar de atrasos (ou posições conservadoras) ou de adiantamentos (ou posições vanguardistas). Uma finalidade que a história recente da edição de textos modernos tem continuado a provar ser pertinente relaciona-se com a conveniência de comunicar *um* texto, mesmo que ele tenha chegado ao nosso conhecimento através de múltiplas versões. Não se confunde isso com erigir uma única versão à condição do texto verdadeiro ou sequer superior, mas trata-se, no âmbito das trocas correntes de impressões orais ou escritas sobre um texto, de fornecer um ponto de referência. Mesmo Peter Robinson, um dos principais responsáveis pela multiplicação testemunhal do nosso conhecimento acerca dos *Canterbury Tales*, de Chaucer, fala da conveniência de se garantir este ponto de referência, isto é, um texto que sirva de acesso às versões subsistentes e à sua história [Robinson, 2002: 55]. O que se propõe, *grosso modo*, no capítulo I.2 é então que o ponto de referência para o conhecimento editorial da obra de Fernando Pessoa seja o conjunto de textos que ele publicou em vida. Este foi no passado recente, e talvez seja hoje ainda mais, um entendimento diferente do dominante. Diferente por exemplo do que Fernando Cabral Martins escreve e que creio representa a visão preponderante nos estudos pessoanos: «A obra de Pessoa está, a bem dizer, inédita quando a sua publicação em livro começa fazer-se na Ática, em 1942.» [Martins, 2016: 11]. A defesa da perspectiva aqui defendida deve ser compreendida como um comportamento liberal: há razões que aconselham essa perspectiva, nenhuma dessas razões sustenta uma única modalidade de atuação. O cânone literário, e não só, tem de ser servido por edições bem feitas, mas não há receitas únicas.

Se na secção inicial se esboçam as coordenadas de uma discussão em torno de como estudar a génese de um texto e de como se pode editar um texto moderno que chegou ao nosso conhecimento através de testemunhos que não são coincidentes, a secção seguinte procura ilustrar e discutir essas coordenadas. Não são, contudo, abordadas todas as facetas mais frágeis do enquadramento e da proposta que constam da secção 1 (por exemplo, o acompanhamento da edição, preparada por Pauly Ellen Bothe, das *Apreciações Literárias* de Fernando Pessoa levou-me a uma opinião mais moderada do que o apresentado no capítulo 2 acerca da visão, talvez extrema, das normas de transcrição a aplicar em edições de escritos inéditos; o traço grosso desse capítulo também mantém uma relação difícil com o facto de, na «Tábua bibliográfica» de 1928, Pessoa considerar apenas «aproximadamente existentes», por não serem definitivos, alguns dos textos que publicou [Pessoa, 2000, ed. Martins: 405]). Em geral, a segunda secção procura então refletir sobre a viabilidade da imposição ou defesa editorial de um texto destituído de variação, que não se deve confundir com o ponto de referência a que me referi antes; apresenta a posição de Pessoa, tudo menos voluntarista, acerca de algumas questões editoriais, no quadro da variação intensa a que a circulação do cânone da literatura moderna está sujeita; tenta ponderar algumas das implicações da última variante enquanto critério de eleição do texto a servir de ponto de referência; e debate traços de identificação e modalidades de edição de escritos privados.

A secção 3 reúne textos cujo denominador comum é o reconhecimento da matriz platónica de, pelo menos, uma parte significativa da literatura pessoana. O capítulo inicial desta secção debruça-se sobre, além de outros aspetos, o conceito de fragmento à luz de um artigo de Fernando Pessoa sobre um poema de Coleridge. O capítulo seguinte alarga o âmbito para discutir o conceito de erro autoral em duas aceções: o da execução falhada de uma decisão e o da revisão de uma execução acertada de uma decisão que entretanto perdeu validade. Aquela aceção permite defender a noção de um original mental a que a matriz platónica não é alheia; esta outra aceção, na medida em que se relaciona com o estudo da génese, está associada à componente dos estudos pessoanos que maior desenvolvimento terá no futuro. O terceiro capítulo diz respeito a traços de bilinguismo nos

escritos pessoais e regista a hipótese de as competências multilingues de Pessoa serem indeligiáveis da novidade do(s) seu(s) programa(s) estético(s) e também de algum equívoco deliberado, no contexto do que se poderia chamar a língua do espírito. O último capítulo desta secção procura, a partir de um caso concreto, mostrar a evolução e a linhagem de um texto crucial para a compreensão do platonismo pessoal.

Por fim, a última secção é composta por dois capítulos que ensaiam uma exemplificação alargada do conceito de obra (bem mais ampla do que o convocado para o capítulo 2 da primeira secção). Obra aqui distingue-se de texto e de documento por um grau superior de abstração que nem cabe no domínio de um objeto dotado de materialidade própria e circunscrita (documento), nem está exclusivamente vinculado ao domínio da construção imaginária produzida através do ato de leitura desse documento (texto). Aqui a obra é, positivamente, uma construção compósita resultante da maneira como fazemos nossas as configurações do texto a que tivemos acesso, sejam elas transmissões editoriais, sejam de outra ordem (críticas, paródicas, etc.). O primeiro capítulo da última secção visa aproximar-se de uma leitura radiofónica do poema «Tabacaria» por M. S. Lourenço. Além de se convocar a biblioteca particular como entidade que, aliás, tem tido protagonismo no passado recente dos estudos pessoais (desde que o acervo bibliográfico pessoal foi disponibilizado em linha pela Casa Fernando Pessoa), alarga-se a natureza dos documentos a tomar em consideração nos estudos de crítica textual de maneira a incluir testemunhos orais. Também por isso se observa como a transmissão (em especial a transmissão através de um meio diferente do original) recria um texto, tornando menos perceptível a fronteira entre criador e intermediário. Neste ponto, Dirk Van Hulle e Peter Shillingsburg, ao traçarem o mapa das orientações gerais para a edição de textos, consideraram uma orientação relacionada com a performance devido ao carácter «incompleto» de documentos com partituras, desenhos arquitetónicos, textos de teatro e representações coreográficas, o que se associa à consciência da dimensão notacional do texto de Álvaro de Campos para M. S. Lourenço [Van Hulle e Shillingsburg, 2015: 41-42]. O segundo capítulo da secção conclusiva ensaia uma reflexão sobre o modo como Mário Cesariny faz uma paródia da edição e de certos textos de Fernando Pessoa.

Em síntese, tanto no caso da comparação com o fito de estudar a gênese de um texto (a análise da «técnica psíquica») como no caso dos estudos editoriais, os capítulos seguintes tratam do que Fernando Pessoa poderia chamar «doença bibliográfica» e resultam da revisão de trabalhos produzidos com objetivos assaz diferenciados, unidos pelo denominador comum da crítica textual aplicada a autores modernos e contemporâneos (quase sempre Fernando Pessoa, mas também João Penha, Vergílio Ferreira, Al Berto, Mário Cesariny, M. S. Lourenço e António Lobo Antunes). A revisão a que procedi conduziu a uma atualização moderada através da qual não quis esconder diferenças às vezes difíceis de conciliar.

Um leitor que desconheça as matérias aqui tratadas, ao ler a expressão «doença bibliográfica», pode dar-lhe uma explicação ausente das cartas a Gaspar Simões e a Adolfo Casais Monteiro. Apesar do aumento da esperança de vida que o avanço na investigação nas ciências da saúde tem permitido, a existência individual continua finita. Nestas condições, o que leva alguém a prescindir de ler coisas diferentes (ou de passear, ou de jogar futebol), para insistir em ler a mesma coisa ou quase a mesma coisa, sob a forma de manuscritos, dactiloscritos e livros impressos? Parte da incerta resposta a esta pergunta terá a ver com a convicção de que tal abdicação (temporária) e tal insistência podem ocasionar, nunca determinar, uma compreensão sofisticada da literatura.

A título de declaração de interesses, por causa do capítulo II.4, gostaria de dizer que na preparação do volume *Diários* de Al Berto procurei responder a algumas perguntas que Golgona Anghel me colocou. Agradeço aos organizadores dos livros onde saíram versões anteriores destes capítulos a autorização para que, embora em forma diferente, fossem republicados. Expresso reconhecimento às instituições que permitiram a reprodução das imagens presentes neste livro. Fico reconhecido a Elsa Pereira pela leitura de uma primeira redação do capítulo II.3; a João Ferreira Duarte, devido a uma observação que lhe ouvi há mais de 30 anos e que pode ter germinado na parte final do capítulo III.1; a Ana Fernandes por permitir que um trabalho académico por ela realizado fosse parafraseado no capítulo III.2; a João Sousa Monteiro agradeço o testemunho sobre o impacto da obra de Chögyam Trungpa em M. S. Lourenço nos anos 70, referido no capítulo IV.1. Além de vários colegas cujos trabalhos influenciaram vários aspetos deste livro, em

especial aqueles com quem tive o privilégio de trabalhar na Equipa Pessoa, devo um agradecimento singular a Ivo Castro, com quem aprendi a tentar perceber, a desconfiar de evidências e a defender o interesse público.

A investigação subjacente a este livro foi financiada por fundos nacionais através da FCT — Fundação para a Ciência e Tecnologia, I. P., no âmbito do projeto UIDB/00214/2020.

Lisboa, 26 de novembro de 2018

VERSÕES ANTERIORES DESTES CAPÍTULOS

1 — «Arca», *Dicionário de Fernando Pessoa e do Modernismo Português*, org. de Fernando Cabral Martins, Lisboa, Caminho, 2008, pp. 55-58.

2 — «Integridade e genuinidade na obra de Fernando Pessoa», *A Arca de Pessoa. Novos Ensaios*, org. de Steffen Dix e Jerónimo Pizarro, Lisboa, Imprensa de Ciências Sociais, 2007, pp. 353-365. Tradução revista em: «‘Integrität’ und Echtheit im Werk Fernando Pessos», *Editio. Internationales Jahrbuch für Editions-wissenschaft*, 22, 2008, pp. 191-203.

3 — «Memória descritiva», sobre Maria Alzira Seixo, Graça Abreu, Eunice Cabral e Agripina Carriço Vieira, *Memória Descritiva. Da Fixação do Texto para a Edição* ne varietur da *Obra de António Lobo Antunes*, redigida por Maria Alzira Seixo, Lisboa, Publicações Dom Quixote, 2010. *Colóquio-Letras*, 177, maio de 2011, pp. 200-204.

4 — «Grandeza, génio, transmissão», *Estranhar Pessoa*, 3, outono, ed. de Rita Patrício e Gustavo Rubim, 2016, pp. 45-57 [https://static1.squarespace.com/static/51d2b64ae4b0a433e9c0c726/t/58ec92a4197aea316e8f26e6/1491899044780/Revista+Estranhar+Pessoa+n3_Grandeza%2C+g%C3%A9nio%2C+transmiss%C3%A3o.pdf].

5 — «Últimas palavras», *Nervoso Mestre, Domador Valente / da Rima e do Soneto Português. João Penha (1839-1919) e o Seu Tempo*, coord. de Francisco Topa e Elsa Pereira, Porto, CITCEM, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2018, pp. 149-158.

6 — «Edições de ‘diários’: Questões e caminhos», *Al Berto: «o que vejo já não se pode cantar»*, org. Golgona Anghel, Lisboa, não (edições), 2019, pp. 63-77.

7 — Refundição de i) «Sobre a existência de Fernando Pessoa», sobre Jerónimo Pizarro, *Pessoa Existe?* Lisboa, Ática, 2012. *Colóquio-Letras*, 185, janeiro de 2014, pp. 179-186; e ii) «Fragmentos, fragmentos, fragmentos». Comunicação apresentada no âmbito do seminário aberto *Assuntos Ortónimos*. Projeto Estranhar Pessoa. Org. do Laboratório de Estudos Literários

Avançados — Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa, Biblioteca Nacional de Portugal, 2013.

8 — Parte da lição de provas de agregação em Crítica Textual. Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 2013.

9 — Refundição de: *i)* «Fernando Pessoa's English poems and poetry written in English». Comunicação apresentada no colóquio *A Poesia Inglesa de Fernando Pessoa. Tributo a Georg Rudolf Lind*. Org. de Patricio Ferrari, Lisboa, Casa Fernando Pessoa, 2014; *ii)* «Pessoa bilingue». Comunicação apresentada no congresso internacional Fernando Pessoa. Org. de Antonio Cardiello, Mariana Gray de Castro, Pedro Sepúlveda e Clara Riso, Lisboa, Casa Fernando Pessoa — Fundação Calouste Gulbenkian, 2017; e *iii)* «Remarques sur la création plurilingue chez Fernando Pessoa», *Genesis (Manuscripts-Recherche-Invention)* 46, textes réunis et présentés par Olga Anokhina et Emilio Sciarrino, 2018, pp. 93-102 [<https://journals.openedition.org/genesis/1824>].

10 — «O que é cada palavra dita?». Comunicação apresentada no IV Congresso Internacional de Linguística Histórica, homenagem a Ivo Castro, Lisboa, CLUL, Faculdade de Letras, 2017.

11 — «Poetry as performance. Reading Álvaro de Campos's 'Tabacaria'». 11th annual conference of the European Society for Textual Scholarship, Helsinki, The Finnish Literature Society, Helsinki Institute for Information Technology, The Society of Swedish Literature in Finland, University of Helsinki — Faculty of Theology, 2014.

12 — «Cadáver esquisito», *Revista ABRALIN*, vol. 16, n.º 1, 2017, pp. 265-284 [<http://revistas.ufpr.br/abralin/article/view/51939/32020>].

ÍNDICE GERAL

APRESENTAÇÃO	5
I — PONTOS DE REFERÊNCIA	
1 — Arca	17
2 — Integridade e genuinidade	23
II — DERIVAÇÕES	
1 — Para sempre	39
2 — Grandeza, génio, transmissão	47
3 — Últimas palavras	61
4 — Editar «diários»: questões e caminhos	73
III — PERDAS E REENCONTROS	
1 — A existência de Fernando Pessoa	85
2 — Erros de autor	103
3 — Línguas à maneira de fogo	123
4 — O que é cada palavra dita	137
IV — APROPRIAÇÕES	
1 — «Tabacaria» performativa	151
2 — Cadáver esquisito	165
Referências	179

Imprensa Nacional
é a marca editorial da **INCM**

IMPRENSA NACIONAL-CASA DA MOEDA, S. A.
Av. de António José de Almeida
1000-042 Lisboa

—
www.imprensanacional.pt
www.incm.pt
www.facebook.com/ImprensaNacional
editorial.apoiocliente@incm.pt

—
© João Dionísio
e Imprensa Nacional-Casa da Moeda

—
O livro *DOENÇA BIBLIOGRÁFICA*
ESPÓLIO E EDIÇÃO DE FERNANDO PESSOA ET AL.
é o sexto título da coleção *PESSOANA*, série *ENSAIOS*,
e tem autoria de **JOÃO DIONÍSIO**.

Tem edição, revisão e paginação, impressão e acabamento
da **IMPRENSA NACIONAL-CASA DA MOEDA**,

e *design* gráfico de **EDUARDO AIRES**.

Foi composto em caracteres **MINION PRO**

e impresso em papel **CORAL BOOK IVOOK DE 90 G e IOR DE 360 G**.

Tem o ISBN **978-972-27-2917-8**, o depósito legal n.º **485 229/21**

e o cód. de edição n.º **1024773**

—
Primeira edição no mês de **JULHO** do ano de **DOIS MIL E VINTE E UM**





PESSOANA • ENSAIOS

A um interesse especial pela materialidade dos textos chamou Fernando Pessoa «doença bibliográfica», designação que obliquamente também se poderia aplicar à análise da «técnica psíquica» subjacente à reescrita de um texto. Comprometido com a busca de uma forma final para o que foi escrevendo, Pessoa contribuiu como nenhum outro autor português para o nosso entendimento da tensão entre os muitos materiais preparatórios e a publicação da obra, diminuta enquanto viveu e, depois da sua morte, progressivamente torrencial. Este livro é, em primeiro lugar, uma abordagem da literatura pessoana na perspetiva dos estudos editoriais e da génética textual, as disciplinas que tratam daquela patologia. Depois, é uma maneira de mostrar como, a esta luz, da aldeia de Pessoa se pode observar o universo de outros autores, que aqui são João Penha, Vergílio Ferreira, Al Berto, Mário Cesariny, M. S. Lourenço e António Lobo Antunes.



ISBN 978-972-27-2917-8



9

7 8 9 7 2 2 7 2 9 1 7 8